



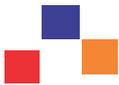
Apresentação

O número 24 do periódico **Polifonia** traz o *Dossiê Literatura e Psicanálise*, e uma parte diversificada que estuda a Literatura em outros domínios.

O *Dossiê* está composto por uma série de cinco artigos que abordam os processos de constituição do sujeito e da subjetividade (em termos foucaultianos, os processos de subjetivação) por meio da escrita e da leitura. No que concerne às relações entre a criação literária e o pensamento psicanalítico, as noções de memória, lembrança e recordação são sempre convocadas. Olivier Bara, no seu artigo sobre **Histoire de ma vie**, a autobiografia de George Sand, observa que a narrativa da infância da romancista do século XIX se organiza no decorrer das lembranças mais arcaicas, reconstituídas pela memória e interpretadas pela escritura. Embora não seja o propósito do autor discutir a constituição do sujeito a partir da psicanálise, o mesmo faz referência à ideia freudiana de “lembranças encobridoras” (*souvenir-écran*) a ser comparada a um certo “estado intermediário onde a intuição de uma coerência absoluta do mundo já é perceptível sem ser, portanto, racionalizada”. Em toda sua análise, Bara evidencia que a narrativa das primeiras experiências infantis está marcada pela poderosa subjetividade reivindicada pelo texto literário. Ademais, o autor entende que a autobiografia de George Sand nos mostra a maneira pela qual um eu se descobre, afirma-se e se constrói em literatura, numa identidade reivindicada e demonstrada graças às lembranças (“encobridoras”) infantis.

Nesta perspectiva, Daniela S. Chatelard e Ana Janaina Souza propõem uma leitura psicanalítica sobre a Escrita de Testemunho: “um dos mais recorrentes exemplos do questionamento ético dos efeitos da literatura”. Para tanto, analisam a obra de Primo Levi, estabelecendo a literatura como uma experiência necessária à “sobrevivência” psíquica do remanescente de guerra. As autoras fazem referência às relações que a literatura mantém com o real, o social e o histórico e o além de si mesma, advertindo que esse “real” não deve ser confundido com a “realidade” tal como ela era pensada e pressuposta pelo romance realista e naturalista: o “real” que lhes interessa aqui deve ser compreendido na chave freudiana do trauma, de um evento que justamente resiste à representação. Assim, a escrita de testemunho em Primo Levi é pensada a partir da ética psicanalítica.

Também interessado nos processos de constituição do sujeito por meio da escrita, Luiz Fernando Barneche Barth examina as **Cartas Portuguesas**, de Sórora Mariana Alcoforado, à luz da teoria psicanalítica, mostrando como a autora utilizou-se da escrita epistolar para dar vazão, organizar e, por fim, liquidar o seu delírio erotomaníaco, transformando-o em obra literária. Barth afirma que uma leitura psicanalítica do texto não se confunde com (e não é da mesma ordem de) uma psicanálise do autor, mas o estudo da relação do autor com suas ideias e os meios encontrados para expressá-las. A partir daí, Barth ressalta a importância do papel do leitor ao sugerir que este pode fazer



ao texto literário as perguntas suscitadas por sua leitura, como efeito de ressonância.

Em sua análise da “Biblioteca de Babel”, conto de Jorge Luis Borges, a autora Eliana R. Lazzarini tem como objetivo destacar a escrita criativa e o estatuto do leitor na psicanálise. Ela enfatiza o caráter criativo do ato de leitura tanto quanto da escrita por parte do autor. Lazzarini nos convida a ler este conto de Borges tendo em mente a concepção de Freud da capacidade do escritor de construir um material que possa nos levar a um estado do qual ele mesmo não fazia ideia antecipada e que se assemelha muito ao estado de produção de imagens no sonho e do conseqüente acesso a instâncias inconscientes.

No artigo “Aproximações ao inconsciente no século XIX”, os autores – Fausto Calaça e Mirelle B. Tumelero – analisam fragmentos de um dos mais importantes rascunhos do jovem Sigmund Freud em comparação com um “estudo analítico” do romancista Honoré de Balzac sobre as razões desconhecidas do movimento humano –*Théorie de la démarche*– estabelecendo uma discussão sobre a construção da noção de “inconsciente” e os seus efeitos na constituição do homem. Transitando nas fronteiras da literatura com a psicanálise, os autores analisam um certo “espírito psicanalítico” que atravessava a vida dos homens de letras e dos homens de ciências no século XIX. Neste trânsito, valorizam o caráter ficcional do conhecimento que é produzido pela Psicanálise e o certo “espírito literário” que percorre toda a obra freudiana.

Após o *Dossiê*, a Literatura percorre *Outros Lugares*, em artigos que representam alguns dos diferentes espaços estratégicos ocupados pela reinvenção, produção e apreensão do fazer literário.

Maria Thereza Azevedo tece considerações interartísticas, no âmbito da estética simbolista, tomando como corpus de análise peças de teatro e filmes que, em sua construção não apresentam relações causais, o que os aproxima dos procedimentos da construção poética.

Miguel Nenevé analisa os discursos colonizadores que ainda persistem nas literaturas de viagens que tiveram como cenário a Amazônia brasileira, produzidas na década de 1990 por estrangeiros que aqui vieram motivados por acontecimentos políticos, como o assassinato de Chico Mendes, no Acre.

Para encerrar, após uma trajetória de leituras de literatura, apresentadas nos artigos por leitores dos mais diferentes perfis, que tomam para estudo, do mesmo modo, diferentes objetos literários, inserimos o artigo de Márcio Araújo de Melo e Antonio Adailton Silva sobre o ensino da literatura. Os autores debatem sobre a desvalorização que a literatura vem sofrendo no ensino e na sociedade, apontando questões já desveladas por críticos, como a impessoalidade da arte constante nos manuais de literatura, que pressupõem leitores e obras nivelados; a interferência sofrida pela literatura mediante a diluição das fronteiras dos saberes; o domínio do pragmático perante o *nonsense* literário, entre outros.



Os leitores, criadores – foi dito – que apresentaram aqui suas análises, dialogam e respondem fecundamente à questão dessa desvalorização. Do mesmo modo, os leitores da Polifonia o farão, ampliando o diálogo e respondendo com sua presença, nessas páginas, a questão que Melo e Silva tomam a Antoine Compagnon (2009, p.24) “qual é a pertinência (...) da literatura para a vida?”.

O nosso agradecimento aos que colaboraram para a preparação deste número.

Célia Maria Domingues da Rocha Reis
Fausto Calaça